



## F2Mestiço<sup>1</sup>

Logan Gutierrez-Mock<sup>2</sup>

**RESUMO:** O texto *F2Mestiço*, de Logan Gutierrez-Mock, aborda reflexões interseccionais sobre sua identidade nacional mexicano-americana e sua identidade de gênero *queer*, revelando experiências fronteiriças em luta contra o silenciamento de suas heranças e expressões identitárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade nacional. Identidade de gênero. Mestiço. *Queer*.

**Abstract:** The essay *F2Mestizo*, by Logan Gutierrez-Mock, addresses intersectional reflections on the author's Mexican-American national identity and his queer gender identity, revealing frontier experiences in the struggle against the silencing of his heritage and identity expressions.

**Keywords:** National identity. Gender identity. *Mestizo*. *Queer*.

**Resumen:** El texto *F2Mestizo*, de Logan Gutiérrez-mock, aborda reflexiones interseccionales sobre su identidad nacional mexicano-estadunidense y su identidad de género *queer*, revelando experiencias fronterizas en la lucha contra el silenciamento de sus herencias y expresiones identitarias.

**Palabras clave:** Identidad nacional. Identidad de género. Mestizo. *Queer*.

<sup>1</sup> Tradução de Caio Jade Puosso e Tatiana Nascimento dos Santos.

<sup>2</sup> Logan Gutierrez-Mock é Diretor de Projetos em saúde para pessoas transgêneras na Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em São Francisco. Estrelou o curta *On my skin* (2006), narrando suas experiências com raça, gênero e relações familiares a partir de uma perspectiva interseccional. *F2Mestizo* foi publicado originalmente no livro *Nobody passes: Rejecting the Rules of Gender and Conformity* (2006), organizado por Mattilda Bernstein Sycamore.

Recebido em 02/09/19

Aceito em 11/11/19

“É melhor você não começar a pensar que é um homem”. Essa foi a intervenção oficial da minha mãe na minha identidade de gênero. Ela estava me ajudando a escolher uma camisa social na seção masculina de uma loja de departamentos. Eu usava binder<sup>3</sup> no peito há um ano no meio da minha família e minha mãe finalmente conseguiu falar sobre isso. Ela me segurou, desceu a mão pelas minhas costas, depois pelo meu peito. Pensei que tivesse visto minhas tatuagens e fiquei suando em bicas, pronto para sair correndo de medo. Não. Ela só me deu um sermão sobre como era melhor eu não cortar meus peitos fora e começar a pensar que era um homem.

“Eu nunca teria adivinhado”. Essa é a resposta que geralmente recebo quando digo às pessoas que sou birracial. Penso que é uma resposta razoável para dar a uma pessoa com privilégio de uma pele branca. Mas toda vez isso me corta. Isso apaga minhas heranças, minhas experiências, tudo com o que cresci. Quando as pessoas usam pronomes femininos comigo não me machuca tanto quanto isso. Fico irritado, frustrado, quando chego em casa confiro no espelho o que fiz de “errado”; mas esse desconforto não me separa da minha identidade masculina. As pessoas que me leem somente como branco<sup>4</sup> nunca me pedem para provar que sou trans. Entretanto, constantemente expressam suas suspeitas de que não sou realmente birracial, e às vezes sinto como se tivesse que carregar na carteira fotos da minha família para que as pessoas acreditem em mim.

De muitas maneiras, minha herança mestiça serviu como uma entrada para minha identidade transgênera: ser percebido incorretamente não foi nada novo. O fato de ser mestiço também me afastou da minha família, em certo sentido, porque eu era diferente (mais branco) e eles queriam que eu fosse assimilado. Foi apenas saindo do armário para minha família, como transgênero, e reivindicando minha herança, que comecei a me sentir em casa com minha família.

“Até que ponto do passado você precisou retornar para encontrar uma pessoa de cor na sua linhagem?”, leio a questão em um fórum on-line antes de uma oficina para pessoas *female-to-male* (FTM)<sup>5</sup> de cor em uma conferência FTM nacional da qual participei recentemente. Chorei ao ler isso, pois implicou que uso minha identidade mestiça/birracial como um acessório que casualmente posso colocar em volta no pescoço quando quero acessar espaços para pessoas de cor. Essa declaração também me corta porque atinge em casa: algumas pessoas na minha família não

---

<sup>3</sup> Faixa elástica compressiva usada nos seios.

<sup>4</sup> Todas as marcações de gênero das palavras que o autor usa para autorreferência, que são neutras no inglês, foram traduzidas para o masculino. Esta escolha se baseia na tentativa de desnaturalizar a expectativa de que uma pessoa trans não-binária deva sempre ser tratada nos pronomes que lhe foram assignados ao nascer.

<sup>5</sup> Termo que indica pessoas assignadas femininas ao nascerem, mas que passam por processos de transição para a masculinidade ao longo da vida.



aceitam que somos pessoas de cor. Até minha mãe insiste que somos brancos, que temos sangue espanhol. Os poucos ancestrais espanhóis em nosso passado mestiço de alguma forma tornam minha família branca. Significando mais que *los indios*<sup>6</sup>. Ignore *los morenos, mis tíos y primos*.

Meus *abuelitos* eram as pessoas de pele mais branca em suas famílias, e todos seus filhos têm pele (mais) clara. Eles quiseram o melhor para sua família, que, nos anos de 1940, queria dizer se misturar, usar sua brancura, passar, ter orgulho, mas não fazer muito barulho. Casar com gente branca.

Minha mãe teve três crianças meio-brancas. Só uma de nós “parece” mexicana, que é, convenientemente, *la malinche* (a traidora) e a fodida, a viciada que deu as costas à família e não fala com nenhum de nós há anos. Nós crescemos com meu pai, minha mãe e a família de minha mãe. *Tamales para las navidades, capirotada* durante a Quaresma, *frijoles y arroz* em toda refeição. “Espanglês” na mesa de jantar.

Espanhol era a língua secreta que eu apreciava em *la casa de mis abuelitos*. Espanhol era para a sessão *del chisme* (de fofoca); era a língua na qual minha família ria, a língua que usavam para histórias que nós, da geração mais nova, supostamente não deveríamos ouvir. Inglês não podia abarcar aquelas emoções. Inglês foi para passar pelo mundo que disse para minha família voltar para o México (sem dar importância a quanto tempo eles têm estado aqui) – o mundo que os afastava da herança da qual sentiam orgulho e vergonha ao mesmo tempo.

Espanhol era para amar, para lembrar, para *la familia*. Era falado à minha volta, mas nunca diretamente a mim. Minha família se orgulhava do quanto eu falava bem em inglês, do quanto meu cabelo era loiro, de quão branco eu era. Eu era o bebê, *la princesa*, definitivamente, o mimado da família. Obviamente iria para a faculdade e então para a pós-graduação. O privilégio de classe que experienciei dentro de minha família estava conectado com o privilégio de minha pele branca. As pessoas mais “bem-sucedidas” da minha família são minha irmã do meio (que também pode passar como branca) e eu. Nenhum de nós foi ensinado ou encorajado a falar espanhol. Nosso inglês sem sotaque, nossa pele branca e nosso sobrenome anglo foram arranjos para sermos os melhores (os mais brancos), ir para faculdade, ter “bons” trabalhos.

Recentemente, meu pai (branco) me disse como agora se arrepende de não ter aprendido espanhol depois de se casar com minha mãe em 1970. Depois de 36 anos de casamento com uma

<sup>6</sup> Todos os termos em espanhol, utilizados originalmente pelo autor, foram mantidos.



mulher mexicana, depois de inúmeras conversas familiares mal compreendidas ou que gastaram muito tempo com traduções, depois de criar três crianças birraciais, ele finalmente se deu conta daquilo ao qual minha irmã e eu fomos negados. Ele me assiste lutando com minha identidade, com o que significa para mim ser uma pessoa branca de cor. Sei que o machuca pensar que poderia ter feito algo diferente, que ele poderia ter impedido a assimilação forçada.

Por anos, passei por branco e fiz graça com minha herança, invocando piadas de Cheech e Chong<sup>7</sup> sobre comer feijões fritos e tirar B na aula de espanhol; quando eu, também, tirei um B em espanhol, meus amigos acharam minha imitação hilária. Meu coração dói agora pensando em como eu era na época – uma mulher esquisita no armário, com privilégio de uma pele branca, que nunca trabalhou sua ancestralidade nem seu racismo internalizado. Tinha tanto ódio por mim mesmo que não conseguia começar a conhecer minha herança.

Eu era um “Mexi Misto”, um vira-lata, mexicano-americano, incerto em como descrever a mim mesmo ou relatar minhas experiências. Foi assim até me tornar amigo de pessoas que tinham um tipo de análise racial com a qual me senti confortável ao me identificar como mestiço. Foram todos amigos que fiz através do *Lavender Youth Recreation and Information Center* (Lyric)<sup>8</sup> quando saí do armário como lésbica. Em 2000, participei da *Youth Talkline*<sup>9</sup> pela Lyric; uma das atividades separou as pessoas em dois grupos – pessoas brancas e pessoas de cor – para discutir sobre racialidade. Eu não soube em qual grupo entrar, então pedi a um dos facilitadores. Ela era mestiça, e felizmente sugeriu que formássemos nosso próprio grupo mestiço – ela e eu. Pela primeira vez em toda minha vida, tive uma discussão sobre identidades raciais mestiças. Aquele momento deu início a uma análise da minha identidade e sinalizou um ponto de virada em minha vida – a reivindicação da história da minha família, a história que foi suprimida.

Escolher tomar testosterona é o que realmente me levou a reivindicar meu passado, e não de um jeito tenho-medo-de-ser-um-homem-branco-e-quero-reivindicar-algum-tipo-de-opressão. Não experiencio opressão a partir de minha pele (branca); experimento privilégio, e cargas disso. Ao começar a pensar em como seria ser lido como homem branco, no entanto, comecei de fato a pensar sobre minha ancestralidade, sobre as dinâmicas raciais na minha família, sobre o racismo

---

<sup>7</sup> Dupla humorística estadunidense, muito conhecida nas décadas de 70 e 80, que utiliza a birracialidade mexicana-americana como tema em suas esquetes.

<sup>8</sup> Centro de orientação, educação e formação profissional para jovens LGBTQ+ fundado em 1988 no estado da Califórnia.

<sup>9</sup> Linha telefônica gratuita e anônima destinada a acompanhamento, informações sobre saúde e sexualidade, e referências para jovens LGBTQ+ no estado da Califórnia.



internalizado, sobre as razões do porquê fui forçado a ser tão branco quanto eu pudesse. De muitas formas, minha herança foi negada através da assimilação, do silêncio e da invisibilidade. Ser mexicano é tanto fonte de orgulho quanto de vergonha na minha família – por isso a insistência em nossa linhagem espanhola e a falta de conhecimento dos nossos ancestrais indígenas. Tive que resgatar minha herança a fim de superar a assimilação da minha família.

Explorando o tipo de homem que eu queria me tornar, nunca houve um momento em que imaginei me tornar apenas um homem branco ou onde escolhi passar por branco. Conscientemente escolhi minha bichinha/divalícia/rosa-é-minha-cor-favorita/trans masculinidade. Ao mesmo tempo, conscientemente escolhi deixar de ser assimilado como branco. Encontrei minha voz e comecei a falar espanhol. Foquei minha tese em identidades transgêneras mestiças. Entrei para o quadro de diretores de uma agência de adoção de jovens transraciais/mestiços, e comecei a compreender a importância da minha família.

Adentrar minha herança mestiça foi um retorno ao lar que estava intimamente atado à minha identidade transgênero. Sentar sobre a linha divisória entre masculino e feminino me forçou a dar conta de que estive sentado a vida toda sobre uma linha similar entre mexicano e branco. Esta linha divisória, *esta frontera*, criou uma nova identidade em mim: eu sou meio a meio, eu sou ambos, eu sou algo inteiramente diferente: “Quando você vive na fronteira, as pessoas passam por você, o vento rouba sua voz. Você é um asno, boi, um bode expiatório. Precursor de uma nova raça, meio a meio – homem e mulher, nenhum dos dois – um novo gênero”<sup>10</sup>.

Por toda minha vida estive sentado sobre a fronteira entre mexicano e branco – expulso do lado mexicano por não falar espanhol e parecer branco, expulso do lado branco por ser meio-mexicano, não importando quão branco eu parecesse. Vinte e seis anos vividos entre raças me prepararam para como eu me sentiria estando entre gêneros – expulso da feminilidade por parecer masculino e ter pelos no rosto, expulso da masculinidade por ter uma vagina e seios.

Lutei por muitos anos por onde me encaixaria como um FTM birracial. Firmemente localizado dentro de ambas bordas de raça e gênero, finalmente aprendi a reconhecer meu lar. Lar, para mim, é dentro de minha mãe, e da ideia de minha mãe, *la Madre*. Por anos, tive medo

---

<sup>10</sup> “*Cuando vives en la frontera* people walk through you, the wind steals your voice. You’re a *burra*, *buey*, a scapegoat. Forerunner of a new race, half and half – both man and woman, neither – a new gender”. (ANZALDÚA, 1987, p. 194-195)



de voltar para casa, medo de possuir minhas identidades: mestiço, transgênero, *chicano*, o filho de minha mãe que se parece exatamente com seu marido branco.

Quando saí do armário para meus parentes como uma pessoa trans, eles não falaram comigo por um mês. Naquele mês, eu quis morrer, *porque sin mi madre, soy nada*. Meu medo de voltar para casa se realizou – não fui aceito, eu era uma aberração tamanha que eles nem podiam falar comigo. Meu namorado tentou me ajudar a atravessar aquele momento, mas eu não o queria, queria minha mãe. Eu queria Chanel N° 5, longas unhas vermelhas correndo por meus cabelos, mãos macias friccionando minhas costas, camisas de seda e seios macios onde enterrar meu rosto. *Sin mi madre, soy nada*.

Minha mãe e eu começamos a nos curar desde então, embora seja um processo lento. Ela ainda usa meu nome de nascimento e na maioria das vezes usa pronomes femininos quando fala sobre mim. Falamos por telefone todos os dias e posso dizer honestamente para ela o que estou fazendo na minha vida em vez da lenga-lenga que acontecia depois que saí do armário como trans. Estamos nos curando, porque eu permito que ela tenha espaço: espaço de luto por sua filha, espaço para surtar, espaço para lidar com o racismo internalizado, espaço para temer seu filho, espaço para encarar seus medos de homens *chicanos*. Ela se lembra de meu *abuelito* que traiu minha *abuelita* e gastou todo o dinheiro, como o qual ele supostamente deveria se alimentar por sete meses, em jogos de cartas e bebida. Ela se lembra de seu irmão mais velho que se lançou sobre seu corpo pré-pubescente. Ela se lembra de seus *tios*, aqueles que costumavam dizer à minha *abuelita* que sua família nunca chegaria a merda de lugar nenhum, então por que se incomodar enviando suas crianças à escola?

Minha transição de mulher para homem é também uma transição de um americano-mexicano assimilado para um *chicano* birracial com privilégio de uma pele branca. Com a minha transição mulher-para-mestiço, desafiei as ideias machistas e heteronormativas da minha mãe dentro da minha família. Não cresci para ser a mulher branca bacana que ela quis que eu fosse. Cresci para ser um garoto bichinha *queer* que pinta as unhas de rosa. Criei uma nova identidade masculina dentro da minha família – uma identidade que abraça meu passado feminino enquanto insiste no meu presente transgênero birracial: *queer/mestiço/trans machismo*. Minha mãe precisa de espaço para aceitar todas as minhas transições para que ela possa me receber de braços abertos em casa.



Quero dizer à minha mãe que falo espanhol porque a amo. Sou trans porque a amo. Sou *queer* porque a amo. Amo mulheres porque a amo. Tudo que sou e que me torna *hermoso* é por ela e por meu amor por ela. Encontrei meu caminho de casa. *Gracias, mamá.*

---

### Referências

ANZALDÚA, G. To live in borderlands means you. *In:* ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987. p. 194-195.

